

Revista Mídia e Cotidiano  
ISSN: 2178-602X  
Artigo Seção Livre  
Volume 15, Número 3, set./dez. de 2020  
Submetido em: 20/07/2021  
Aprovado em: 24/09/2021

## **Conspiracionismo e negacionismo político-midiático: complementaridades discursivas entre Bolsonaro e Sikêra Júnior sobre a pandemia de Covid-19**

*Conspiracionism and media-political denial: discursive complementarities between Bolsonaro and Sikêra Júnior on the Covid-19 pandemic*

*Conspiración, negación, medios y política: complementariedades entre los discursos de Bolsonaro y Sikêra Júnior sobre la pandemia de Covid-19*

João Paulo MALERBA<sup>1</sup>  
Rosangela FERNANDES<sup>2</sup>

### **Resumo**

O estudo investiga articulações político-midiáticas em favor de uma narrativa comum sobre a pandemia de Covid-19 baseada em teorias conspiratórias e negacionistas e pautada em discursos populistas e de ódio. A análise tem como foco vídeos sobre a pandemia do apresentador do programa policiaisco Alerta Nacional, Sikêra Júnior. Os resultados apontam para uma lógica de complementaridade entre o comunicador e o discurso do presidente Jair Bolsonaro, em uma estratégia comunicativa que integra mídia hegemônica e redes sociais como forma de potencializar a disseminação de desinformações, além de trazer indícios de relações que preservam as raízes clientelistas do sistema de comunicação brasileiro.

**Palavras-chave:** Conspiracionismo. Negacionismo. TV. Covid-19. Desinformação.

### **Abstract**

The study investigates articulations between media and politics in favour of a common narrative about the Covid-19 pandemic based on conspiracy and denialism theories and making use of populist and hate speeches. The analysis focuses on videos about the pandemic by Sikêra Júnior, the presenter of the TV program Alerta Nacional. The results suggest complementarities between the communicator and the speech of President Jair Bolsonaro, in a communicative strategy that integrates hegemonic media and social

---

1 Doutor em Comunicação e Cultura pelo PPGCom/UFRJ, professor substituto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ). E-mail: joapaulomalerba@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4003-9850.

2 Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ e pesquisadora do grupo de pesquisas em Políticas e Economia Política da Informação e Comunicação (PEIC/UFRJ). E-mail: rosangela.fernandes@discentes.eco.ufrj.br. ORCID: 0000-0001-7669-1539.

networks as a way to enhance the dissemination of misinformation. There are also evidences of relationships that preserve the patron-client roots of the Brazilian communication system.

**Keywords:** Conspiracionism. Negationism. TV. Covid-19. Disinformation.

### Resumen

El estudio investiga las articulaciones entre los medios y la política a favor de una narrativa común sobre la pandemia de Covid-19 basada en teorías de conspiración y negación y haciendo uso de discursos populistas y de odio. El análisis se centra en videos sobre la pandemia de Sikêra Júnior, presentador del programa de televisión Alerta Nacional. Los resultados sugieren complementariedades entre el comunicador y el discurso del presidente Jair Bolsonaro, en una estrategia comunicativa que integra medios hegemónicos y redes sociales como forma de potenciar la difusión de desinformación. También hay evidencias de relaciones que preservan las raíces clientelistas del sistema de comunicación brasileño.

**Palabras clave:** Conspiración. Negacionismo. TV. COVID-19. Desinformación.

### Considerações iniciais

O presente estudo faz parte de uma pesquisa maior, ainda em suas explorações iniciais<sup>3</sup>, interessada em identificar o papel da televisão brasileira na recente ascensão de lideranças conservadoras ao poder ao reverberar suas pautas e o seu discurso de ódio. A pesquisa investiga particularmente como as emissoras atuaram na construção da imagem do ainda candidato Bolsonaro e, após sua vitória, se mantêm como sustentáculo do seu mandato presidencial e de suas políticas, numa articulação que busca preservar as raízes clientelistas do sistema de comunicação brasileiro que privilegia historicamente os interesses comerciais em detrimento dos interesses públicos (AIRES e SANTOS, 2017). A complementariedade da mídia hegemônica, particularmente da TV aberta, em relação às mídias sociais como forma de potencializar a disseminação de desinformações é um dos pontos centrais do estudo.

Na análise aqui proposta aprofundamos o acionamento das teorias conspiratórias pautadas no negacionismo como estratégia conservadora que contribui com (e se vale do)

---

3 Trata-se da pesquisa de doutorado Discurso de ódio na TV (2017/2020): A legitimação da retórica de Bolsonaro, orientado pela prof. Suzy Santos.

populismo de extrema direita hoje no poder no Brasil. Teremos como interesse central as narrativas adotadas em relação à pandemia de Covid-19 através de teorias conspiratórias disseminadas por governantes e comunicadores em cumplicidade, de forma cíclica e complementar, atravessadas por interesses políticos e comerciais. Restringimos o corpus deste estudo a vídeos de Sikêra Júnior, apresentador do programa policiaisco Alerta Nacional, levando em conta seu permanente apoio a Bolsonaro, sua família, seu governo e seus discursos. Analisamos os vídeos postados em redes sociais ou com transmissão através da TV A Crítica, além de entrevistas, com foco em temáticas relacionadas à pandemia da Covid-19. Após o levantamento inicial do período de março de 2020 a junho de 2021, foram buscados indícios de narrativas baseadas em teorias conspiratórias e selecionados vídeos e entrevistas para análise.

Nosso estudo compreende que o projeto de poder em curso no país se baseia em uma complexa rede de legitimação e circulação simbólica cuja tessitura se inicia bem antes da onda conservadora que inundaria as urnas eleitorais brasileiras em 2018. Segundo Luis Felipe Miguel (2018), esse projeto atua “para redefinir os termos do debate público no Brasil, destruindo consensos que pareciam assentados desde o final da ditadura militar” e rompendo as bases do discurso político razoável que “incluía a democracia, o respeito aos direitos humanos e o combate à desigualdade social” (p. 23). Ainda que haja razoável consenso (ALMEIDA, 2019; CESARINO, 2020) de que a vitória eleitoral da extrema direita teve como elemento central as redes sociais – notadamente os aplicativos de mensagem instantânea e particularmente o WhatsApp –, não podemos perder de vista que a disseminação de informação (e desinformação) que galvanizaria aceitação social e apoio político aos seus partidos e candidatos já acontecia bem antes e através da radiodifusão. Uma das hipóteses da pesquisa maior em que este estudo se insere é de que a convivência de emissoras brasileiras de rádio e de TV com as pautas da extrema direita e com o seu discurso de ódio reforçou valores conservadores arraigados na sociedade brasileira através de programas jornalísticos, de entretenimento e notadamente os policiaiscos. Através desses espaços teria sido gestado um mecanismo primeiramente testado e consolidado na radiodifusão e que então ganharia a potência e a capilaridade da internet. De todo modo, a ascensão das redes sociais permitiu não só equivalências entre

as estratégias comunicacionais da nova e da velha mídia, mas também as articulou em uma lógica de complementaridade: a comunicação multimídia possibilitou que o que era enunciado numa plataforma pudesse agora ser replicado, editado, realçado e/ou comentado, alcançando novos públicos (e anunciantes), além de promover a reiteração, retroalimentação e complementação tática de discursos *conspiracionistas*, *negacionistas* e/ou *populistas*.

Quando analisamos a questão a partir de uma perspectiva macro e com a hipótese de um projeto político, social e midiático de longo prazo, notamos que as equivalências e as complementaridades abarcam, mas vão muito além das estratégias comunicacionais. Há equivalências de *método e conteúdo* que se evidenciam e se inserem no próprio *modus operandi* dos *políticos* alçados ao poder, notadamente na autoridade máxima da República, e desde aí inspirando e retroalimentando os demais políticos. E nessa lógica de reciprocidade, a mídia hegemônica cumpre papel decisivo na circulação das mensagens. A jornalista da Folha de São Paulo, Patrícia Campos Mello, considera que ao repercutir e destacar agressões e mentiras proferidas por políticos de extrema direita, a mídia tradicional colabora com a estratégia imposta por eles. Tratar como polêmicas as inverdades e, muitas vezes, colocar o tema em debate, resulta em emprestar às narrativas conservadoras extremistas um “verniz de legitimidade a esses disparates” (MELLO, 2020, p. 164). A mídia comercial, mesmo a que se posiciona criticamente, seria atraída para as pautas de interesse de governantes como Bolsonaro, a partir da força de declarações ofensivas que os mantêm em evidência. Por outro lado, os grupos de comunicação aliados são frequentemente instados, de modo calculado, a colaborar com o processo coordenado de agendamento. Segundo o diretor da consultoria Bites, Manoel Fernandes, haveria uma “liturgia bolsonarista” para disseminar narrativas e garantir sua repercussão:

O primeiro movimento envolve uma entrevista a um veículo de mídia profissional (...). Com a informação avalizada pela credibilidade jornalística, o segundo movimento é colocado em operação. Formadores de opinião do mundo bolsonarista, como o próprio filho do presidente e influenciadores digitais, entram divulgando o conteúdo da entrevista e convocando a militância a republicar (FERNANDES, 2020).

Nesse contexto, nosso intuito, dentro do recorte escolhido, é analisar indícios de uma ação articulada entre comunicadores e políticos em torno de uma mesma narrativa sobre a pandemia de Covid-19, tendo como recurso teorias conspiratórias e negacionistas em discursos pautados no ódio e no modo de agir populista da extrema direita.

### **O *modus operandi* da extrema direita: neoconspiracionismo, negacionismo e populismo**

A recente ascensão da extrema direita no Brasil não se deu de forma isolada do cenário mundial contemporâneo e muito menos por uma ação espontânea ou original do presidente Jair Bolsonaro, seus filhos e aliados. A necessidade de garantir a este artigo um recorte específico não nos permite ampliar sua abordagem para as conexões e articulações internacionais existentes entre governantes populistas alçados ao poder nas últimas décadas, especialmente Bolsonaro e Donald Trump (MELLO, 2020). Na presente investigação, ativemo-nos às equivalências de método e conteúdo da extrema direita na construção de narrativas acerca da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Nossa análise se inicia sob a ótica da reconfiguração do conspiracionismo. As teorias conspiratórias não são novas e desde sempre figuraram nas disputas políticas. Mas, para além do alcance e instantaneidade das redes sociais, há fatos e modos novos que permitem compreender o conspiracionismo atual como de novo tipo. Em *A lot of people are saying: the new conspiracism and the assault on democracy*, Muirhead e Rosenblum (2019) destacam a originalidade das conspirações contemporâneas por dispensarem hipóteses complexas, provas, explicações ou mesmo qualquer teoria. Se antes dependiam de ginásticas mentais mirabolantes que conectavam evidências exaustivamente acumuladas, o sucesso atual das teorias conspiratórias tem como base a afirmação tautológica de ideias simples: “para os novos conspiracionistas, toda a energia é direcionada para a repetição e a afirmação. A repetição é o oxigênio do novo conspiracionismo e, às vezes parece, todo o seu propósito” (p. 27, tradução nossa). Nesse sentido, a limitação de caracteres, a preponderância da imagem (em seu caráter essencialmente performativo) e a capacidade de viralização das redes sociais tornam-nas o palco ideal desse conspiracionismo sem teoria e sem evidências. Da mesma forma, a

espetacularização e o sensacionalismo característicos dos programas policiais, com seu ritmo nervoso, discursos inflamados, acionamento permanente das emoções ao arrepio princípios éticos do jornalismo, se adequam de forma eficaz a tal estratégia.

Os autores destacam a tendência à *insinuação*, que normalmente se apresenta através de perguntas que se propõem reveladoras de um segredo nunca por fim revelado. Tais insinuações não são respondidas, tampouco desdobradas em provas, e servem tão-somente para substituir as explicações inerentemente complexas de questões sociais igualmente complexas. De fato, a característica marcante da simplicidade se opõe ao “fardo da explicação”. Acontece que o funcionamento da democracia depende da verificação dos fatos e do diálogo racional acerca das questões sociais: “o ataque aos modos compartilhados de compreensão é fatigante. As consequências das acusações incessantes de conspirações secretas e conspiradores nefastos são políticas” (MUIRHEAD E ROSENBLUM, 2019, p. 22, tradução nossa). Uma delas é a desorientação (individual e coletiva) em que “quanto mais insondável a acusação, maior o grau de desorientação, incredulidade e raiva que ela provoca em seus alvos” (p. 38, *idem*). Outra consequência é a deslegitimação das instituições democráticas e a destruição dos próprios fundamentos da democracia. Trata-se de um desgaste lento e contínuo que corrói “não apenas a confiança nas instituições, mas também em seu significado, valor e autoridade” (p. 14, *idem*). De fato, os alvos finais de todas as novas teorias conspiratórias são a própria democracia e as instituições que a sustentam e legitimam. No meio do caminho, vão sendo delineados os inimigos – normalmente indivíduos ou entidades ligadas às instituições que sustentam a democracia – facilmente rotulados e alvejados pelas milícias digitais<sup>4</sup> organizadas para a pura negatividade (a destruição sem reposição): “a nova conspiração esgota a sensação de que o governo democrático é legítimo sem fornecer qualquer padrão alternativo. Opera ao nível das atitudes e emoções dos cidadãos,

---

4 De acordo com Lobo, Morais e Nemer (2020), milícia digital “pode ser entendida como uma associação de pessoas interligadas de forma mais ou menos flexível e sem um arranjo jurídico-legal, que agem de maneira coordenada ou orquestrada na web, em sua grande maioria pelas redes sociais, se utilizando de robôs, contas automatizadas e perfis falsos, promovendo campanhas de ataques e/ou cancelamento de imagens e reputações de adversários ocasionais” (p. 260).

insistindo que os elementos definidores da ordem política não são dignos de apoio” (MUIRHEAD E ROSENBLUM, 2019, p.33, tradução nossa).

Na dinâmica da extrema direita de nomeação e revelação de inimigos, as principais emoções são lenta e habilmente articuladas em discursos de ódio. A preocupação com o crescimento da chamada “retórica tóxica” tem se ampliado internacionalmente, a ponto de o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Antonio Guterres, defender a adoção de medidas restritivas urgentes, diante de seus riscos:

Nós reconhecemos o discurso do ódio como um ataque contra a tolerância, a inclusão, a diversidade e a essência de nossas normas e princípios de direitos humanos. Mais amplamente, ele compromete a coesão social, desgasta valores compartilhados e pode criar a base para a violência, retardando a causa da paz, da estabilidade, do desenvolvimento sustentável e da dignidade humana (GUTERRES, 2019).

Em meados de 2020, Guterres voltaria ao tema para alertar para o tsunami não só de ódio, mas também de medo, de bodes expiatórios e de confusões decorrente da pandemia de Covid-19<sup>5</sup>. De fato, era provável que um fato tão complexo e multifacetado como uma pandemia global fosse terreno fértil para desinformações e o surgimento de teorias conspiratórias diversas. No Brasil, e em diversos países, a pandemia foi acompanhada de uma avalanche digital de desinformações, em muitos casos, organizadas e narradas a partir do discurso conspiracionista negacionista. Como se sabe, o *negacionismo* tem origem no uso que o historiador francês Henry Rousso fez do termo para se referir àqueles que negavam o Holocausto. Onde quer que prospere, o negacionismo articula um campo político-intelectual normalmente de alcance internacional e ancorado a uma prática com fins políticos e econômicos, como fica evidente no negacionismo climático financiado por grandes corporações ligadas aos combustíveis fósseis (MORAES, 2018). Perini (apud MOREL, 2021) analisa as narrativas negacionistas no mundo e destaca o papel ambíguo das novas tecnologias de

---

5 Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2020/05/1712962>. Acesso em 19 jun. 2021.

comunicacionais ao, por um lado, democratizar o acesso à informação e, por outro, facilitar a circulação de desinformação “ganhando considerável repercussão por se apoiar justamente na reprodução de valores conservadores”.

No caso brasileiro, Morel (2021) também destaca os vínculos políticos e sua diversidade, como os negacionismos científico (em que os movimentos antivacina e terraplanistas seriam expoentes), histórico (marcado pela negação do Golpe de 1964) e racial (ancorado no mito da democracia racial). De tal modo que aqui o negacionismo da pandemia encontrou articulações fecundas num Brasil social e politicamente polarizado. A pesquisadora tem o cuidado de discernir os “negacionistas profissionais” – pessoas e grupos financiados com a intenção deliberada de confundir e disseminar desinformação – dos que negam uma realidade de que são vítimas e/ou que, convencidos da narrativa mentirosa, são motivados pelo desejo de participar e de produzir as próprias teorias. Ainda que impute aos “profissionais” a maior responsabilidade pela necropolítica em curso, Morel destaca nos “não profissionais”.

O conforto emocional possibilitado por compartilhar narrativas e notícias que, mesmo que irreais, desqualificam valores opostos aos seus. Elas favorecem o combate contra grupos tidos como inimigos (chineses, feministas, comunistas e gays, para usar alguns exemplos comuns) ao mesmo tempo em que reforçam os valores de determinado grupo, ao qual dão uma sensação de pertencimento. Nesse emaranhado, não podemos subestimar o crescimento das religiões neopentecostais e sua relação com o crescimento do negacionismo (MOREL, 2021).

Ainda que escapem do escopo deste artigo, será objeto de nossas pesquisas futuras o aprofundamento das interconexões entre os sistemas midiático, religioso e político nacionais. Considera-se uma particularidade da conjuntura atual brasileira, com uma espécie de borramento das fronteiras entre religião, política e comunicação, como revelam os dados apresentados por Aires e Santos (2020): o percentual de TVs vinculadas a políticos e igrejas no país passou de 3,2% em 2003 para 15,9% em 2018 (AIRES e SANTOS, 2020). As pesquisadoras ressaltam que católicos e evangélicos têm ampliado seus domínios na mídia: “a disputa por hegemonia no campo religioso, hoje, é fundamentalmente midiática” (AIRES e SANTOS, 2017, p 104). Esse quadro vem sendo

aprofundado no governo Bolsonaro pelo deslocamento dos recursos públicos para publicidade entre as emissoras de TV, com destaque para o beneficiamento de grupos da base de apoio ao governo. Segundo relatório do Tribunal de Contas da União, a Rede Record, do líder da Igreja Universal Bispo Edir Macedo, apesar de ocupar o segundo lugar em audiência no país, passou a ser a maior beneficiada pelas verbas da Secretaria de Comunicação da Presidência no primeiro ano do mandato de Bolsonaro. Sua fatia foi ampliada de 31% em 2018 para 43% em 2019. Já a Rede Globo, líder de audiência, registrou, no mesmo período, redução de 39% para 16% de participação nesses recursos<sup>6</sup>. Ainda que o relatório do TCU se restrinja às três emissoras de maior audiência, a Rede TV, quinta no ranking, que em 2019 registrava apenas 1,03% de *share*<sup>7</sup> (contrastando com a Globo com 37,48% e a Record com 12,92%), tem sido agraciada com generosos repasses de recursos governamentais para seus apresentadores. Entre eles, há registro de pagamento por *merchandising* de R\$ 50 mil para o jornalista Luís Ernesto Lacombe, R\$ 51 mil para Luciana Gimenez e R\$ 120 mil para Sikêra Júnior. No caso deste último, objeto deste estudo, o acionamento das pautas morais se encontra entrelaçado ao discurso religioso em suas performances midiáticas.

Por fim, ao analisarmos as performances e as mensagens dos produtos/atores midiáticos e os políticos aos quais estão alinhados sobressaem o cerne comum *populista*. Sem desconsiderar as diferentes e por vezes opostas abordagens<sup>8</sup>, adotamos a compreensão do populismo como:

Uma estratégia política empregada por um tipo específico de líder que busca governar com base no apoio direto e imediato de seus seguidores. [...] Uma figura forte e carismática, que concentra o poder e mantém uma relação direta conexão com as massas [e adota] comportamento

6 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/tcu-ve-falta-de-criterio-do-governo-bolsonaro-no-rateio-de-verbas-para-tvs.shtml> Acesso em 3 ago. 2020.

7 Share representa, em porcentagem, a participação de determinado programa ou emissora no total de televisores ligados dentro de uma faixa horária.

8 Nesse sentido, Mudde e Kaltwasser (2017) destacam que o populismo é um conceito essencialmente contestado, abarcando desde abordagens críticas da filosofia política, como a de Laclau e Mouffe – que consideram o populismo “não apenas como a essência da política, mas também como uma força emancipatória” (p. 3) –, até perspectivas socioeconômicas de economistas como Dornbusch e Sachs, que enquadram o populismo “como um tipo de política econômica irresponsável” (p.4, traduções nossa).

político amadorístico e não profissional que visa maximizar a atenção da mídia e o apoio popular. Ao desrespeitar o código de vestimenta e os modos de linguagem, os atores populistas são capazes de se apresentar não apenas como diferentes e inovadores, mas também como líderes corajosos que estão com “o povo” em oposição à “elite” (MUDDE e KALTWASSER, 2017, p. 4, tradução e grifos nossos).

Central na retórica e no modo populista de ver o mundo e as questões sociais (p. 7) é essa distinção monista e maniqueísta da sociedade entre os homogeneamente *bons* (o povo) e os incuravelmente *maus* (a elite). Autointitulado porta-voz legítimo do povo, o político populista rejeita intermediários: sua ligação é direta com o poder (Deus, verdade, saber) e, por isso, não precisa se ater aos dados e às informações avalizadas pelas instituições que sustentam a democracia. Ao contrário, especialistas, cientistas, jornalistas são desvelados como inimigos do povo, inclusive porque se encontram justamente onde o povo não está: “a solução envolve rejeitar a expertise ostensivamente objetiva e todas as instituições, valores, normas, procedimentos e pessoas que acompanham tal expertise e, em vez disso, valorizar uma combinação de experiência cotidiana e os sentimentos, impulsos, crenças e intuições de pessoas comuns” (ROSENFELD, 2019, p. 78, tradução nossa).

Rosenfeld (2019), ao compreender o populismo como um “quadro narrativo para conceituar e moldar o poder político” (p. 78, *idem*), lança luz para o seu caráter ficcional e performático: há um “enredo” construído e explorado pelo populista, no qual se autodeclara protagonista e capaz de apontar aliados e vilões numa trama conspiratória. Na ficção populista da realidade, o passado é reinterpretado para ser desejado como futuro e o presente deve ser desvelado: “o populismo, como forma de pensar e narrar o destino da verdade e do poder, exige duas ações corretivas básicas: revelação – ou exposição da conspiração – e restauração de um status quo melhor e mais justo” (p. 79, *idem*). Sua performance heroica, mas demasiadamente humana envolve extravagância, arrojado verbal, atitudes ousadas em que o descontrole é revelador de seu caráter de pessoa comum. Como veremos a seguir, as coincidências de estilo, conteúdo e interesses entre os políticos e comunicadores populistas vão muito além das aparências.

### **Programas policiaiscos: as vozes e as faces da extrema direita na TV**

Exemplos eloquentes do discurso populista na radiodifusão podem ser encontrados nos programas policiaiscos, aqueles destinados a narrar ocorrências sobre violências e criminalidades, tendo normalmente à frente apresentadores carismáticos e burlescos. Estão no ar há muitas décadas, multiplicando-se nas afiliadas das redes de emissoras de TV de Norte a Sul do Brasil. Chegam a bater recordes de audiência<sup>9</sup> (e a atrair cada vez mais anunciantes) com um sensacionalismo que explora imagens de assassinatos, cadáveres e suspeitos em delegacias, quase sempre no período vespertino, em horários não protegidos pela classificação indicativa.

As análises acadêmicas sobre esses programas destacam normalmente seu caráter punitivista. Na obra *Populismo Penal Midiático*, Gomes e Almeida (2013) defendem que os meios de comunicação se sobressaem entre os vários agentes do chamado *populismo penal*, compreendido como um discurso que “explora o senso comum, o saber popular, as emoções e as demandas geradas pelo delito, assim como pelo medo do delito, buscando o consenso ou o apoio popular para exigir mais rigor penal, como suposta ‘solução’ para o problema da criminalidade” (CAETANO, 2016, p. 30). Seu populismo fica evidente no *simplismo* com que lidam com a complexidade do tema da segurança pública no Brasil: desconsiderando explicações mais estruturais para a violência e criminalidade, não há qualquer questionamento sobre as injustiças sociais, sobre a legitimidade da ordem social e econômica ou sobre as raízes históricas das desigualdades. Além disso, sua narrativa populista constrói uma *dicotomia* que divide “a sociedade em pessoas decentes, de um lado, e criminosas, de outro” (GOMES e ALMEIDA, 2013, p. 99). Suas câmeras eloquentes e repetidos close-ups reforçam os preconceitos que estruturam uma sociedade marcada por séculos de escravidão e desigualdades sociais. Seguindo a cartilha populista, os jovens, negros e pobres são delineados como *inimigos*, aos quais se somam quem quer que advogue por seus direitos (“esquerdistas”, “defensores de bandidos”). No limite, chegam a defender o próprio fim do Estado democrático de direito, eliminando direitos e garantias constitucionais e internacionais, já que, como foi dito, um dos principais

---

9 Disponível em <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2019/03/audiencia-da-tv-11-03-cidade-alerta-bate-recorde-de-audiencia>. Acesso em 17 de julho de 2021.

arbítrios é a violação da presunção da inocência e o valor das garantias do devido processo legal. A relação dos apresentadores de programas policiaiscos com os políticos conservadores extrapola a mera reverberação de pautas, sendo comum tornarem-se “comunicadores-políticos” ao se candidatarem e se elegerem tendo como bandeiras o maior rigor penal, a defesa da família tradicional cristã, a redução da maioria penal entre outras pautas conservadoras (AIRES et al, 2017).

Comungando dessas características, no programa policiaisco Alerta Nacional, objeto de nosso estudo, as mortes dos “suspeitos” são comemoradas com palmas e gargalhadas enquanto os integrantes da equipe desfilam carregando o “CPF cancelado” ao som do *jingle*, que versa “CPF cancelado, que coisa boa, CPF cancelado pra alegria do coroa; CPF cancelado, daqui a pouco tem mais, vamos encher de bandido a casa de Satanás”. Foi segurando esse mesmo cartão que seu apresentador, Sikêra Júnior, posou sorridente para uma foto em companhia do presidente Jair Bolsonaro, em abril de 2021, quando o país ultrapassava 380 mil mortos por Covid-19<sup>10</sup>.

Em sua performance, Sikêra Júnior desenvolve estilo próprio: em um momento, a indignação como marca do discurso; no outro, a ironia ou a religiosidade; em todos, o tom de diálogo familiar com a audiência. Em posts nas redes sociais ou no programa popular transmitido em rede nacional, estabelece intimidade com quem o assiste, como aquele amigo que tem sempre algo de interessante a contar, informações exclusivas, coragem de tornar pública sua opinião sobre os temas polêmicos e o dom da narrativa que prende a atenção. Lançando afirmações e perguntas em ritmo rápido, expressões fortes e muitos gestos, a receita adotada pelo comunicador inclui também doses de humor, com direito a risadas no estúdio. A linguagem agressiva dirigida aos que são acusados de crimes se combina com a devoção emocionada a Jesus Cristo, em um acionamento alternado de emoções.

Em coincidência com os seus pares policiaiscos, o apresentador tem um longo histórico de ataques aos direitos humanos. Em 2018, quando trabalhava na TV Arapuã, em João Pessoa, suas falas misóginas e gordofóbicas causaram protestos que levaram à

---

10 Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-ignora-mortes-por-covid-e-positiva-para-foto-com-placa-cpf-cancelado/> Acesso em 01 jul. 2021.

interferência do Ministério Público da Paraíba e do Ministério Público Federal que exigiram a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta da emissora. Mais recentemente, em junho de 2021, em mais uma fala homofóbica, associou à pedofilia um comercial que celebrava o respeito à diversidade, às vésperas do Dia do Orgulho LGBTQIA+, e afirmou que os homossexuais são uma “raça desgraçada”. A reação nas redes levou à suspensão de dezenas de patrocínios e à posterior retratação pública do apresentador.

O discurso de ódio adotado por Sikêra Júnior ganhou repercussão nacional a partir de 2019. Em janeiro daquele ano o programa que comandava, Alerta Amazonas, se transformou em Alerta Nacional e passou a ser transmitido em rede. A ascensão coincide com o início do mandato de Jair Bolsonaro na presidência da República. Há muito em comum entre o apresentador e os políticos da família Bolsonaro: sintonia entre as pautas abordadas, frequência das entrevistas, encontros presenciais, além do repasse de recursos.

A estreia do Alerta Nacional foi comemorada, na época, pelo filho do presidente, o Senador Flávio Bolsonaro. “É hoje! Arrebenta!”, estimulava o parlamentar em post nas redes sociais. O apoio de Jair Bolsonaro foi dado ao compartilhar trecho de uma edição do programa em fevereiro do mesmo ano parabenizando Sikêra. No mesmo dia em que outro filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, resumia sua admiração em uma postagem “Você sabe o que é ser conservador? Não precisa estudar, ler livros e fazer cursos. Se você concorda com o Sikêra Júnior, parabéns! Você é um”<sup>11</sup>. Desde 2019, o presidente vem colecionando encontros com o comandante do Alerta Nacional, referências em discursos e posts e entrevistas exclusivas. Entre os elogios, está o realizado em discurso durante ato político em São Paulo. “Alô Sikêra. Parabéns pelo programa. Pena que não posso assistir, tenho muito trabalho aqui. Você transmite a verdade, um programa isento, que cada vez mais cativa brasileiros. Nós precisamos de gente como você, que trabalhe desta forma”<sup>12</sup>.

---

11 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/sikera-junior-apresentador-dos-bolsonaros-24262607> Acesso em 04 jul. 2021.

12 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/Sikêra-junior-apresentador-dos-bolsonaros-24262607>. Acesso em 10 jul. 2021.

O estilo que agrada o presidente, também vem conquistando novos fãs. O jornalista registrava em julho de 2021, além do crescimento do número de telespectadores na Rede TV!, resultados significativos nas redes sociais: seis milhões e duzentos mil seguidores no Instagram; quatro milhões, 860 mil inscritos em seu canal do *Youtube*; 668 mil seguidores no *Twitter*; 210 mil no *Facebook* Sikêra Jr. oficial, além de várias páginas de fãs, como a Sikêra Júnior Fãs, que contabilizava 408 mil curtidas. Apenas no *Youtube*, o apresentador soma 1 milhão e 430 mil inscritos a mais do que Bolsonaro.

O governo tem investido nesse espaço. A Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid-19 revelou o pagamento de R\$ 120 mil ao apresentador no período entre dezembro de 2020 a abril de 2021<sup>13</sup>. Segundo a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), os pagamentos seriam justificados por “serviços de utilidade pública”. Em entrevista de Bolsonaro, em abril de 2021, Sikêra fez questão de elogiar o órgão “Vocês não têm ideia do trabalho, não tem ideia da Secom. Muito obrigado a todos da Secom pela colaboração”<sup>14</sup>. Uma relação que remete à tradicional dependência do fomento estatal pela maior parte do sistema midiático brasileiro (AIRES; SANTOS, 2017). Como as autoras apontam, apesar de se autoproclamarem comerciais e independentes dos laços políticos, são raras as emissoras de rádio e TV que garantem a sustentabilidade sem recursos obtidos através de verbas oficiais, relações de clientelismo e compadrio (AIRES; SANTOS, 2017, p. 7).

### **Conspiracionismo e negacionismo pandêmico político-midiático: complementaridade discursiva**

Além da transmissão diária do programa Alerta Nacional, pela TV A Crítica e pela Rede TV!, Sikêra Júnior faz da produção de vídeos uma prática constante. Assim como trechos dos programas, suas gravações caseiras são divulgadas nas redes sociais com grande repercussão, diante da multidão de seguidores que citamos anteriormente.

---

13 Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/governo-bolsonaro-pagou-r-268-mil-a-apresentadores-bolsonaristas-e-de-tv-aliada.shtml>. Acesso em 19 jul. 2021.

14 Alerta Especial – Entrevista exclusiva com o presidente Bolsonaro. 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAE1dVrVYC4> Acesso em 14 jul. 2021.

Para este estudo, realizamos levantamento de vídeos do apresentador a partir do início da pandemia no Brasil, março de 2020, até o mês de junho de 2021. A seleção do corpus teve como critério a abordagem de temáticas relacionadas à Covi-19, com foco na discursividade baseada nas teorias conspiratórias e atravessadas pelo discurso de ódio ou religioso. Nos 16 meses analisados, foram selecionados para a análise nove vídeos e entre eles duas entrevistas exclusivas do presidente.

O apresentador, assim como o presidente, constrói narrativa de desvelamento de uma realidade que estaria sendo ocultada da população. Mesmo nas edições do programa transmitido na TV aberta, ou seja, na mídia hegemônica, adota discurso como se estivesse em um espaço privilegiado, sem compromissos ou intenções que não sejam os de proteger sua audiência fiel de informações supostamente manipuladas, que segundo ele são divulgadas pelos veículos de oposição ao governo. No que diz respeito à pandemia, o esforço seria para desconstruir o que o apresentador, em acordo com a argumentação usual do presidente, considera como pavor injustificado, alarde que atenderia apenas aos inimigos da população. Nos vídeos que são objeto dessa pesquisa, Sikêra Júnior defende a tese de que não há gravidade na disseminação do novo coronavírus, aponta interesses ocultos e os responsáveis por disseminar o medo.

Sikêra, em atitude característica do neoconspiracionismo, faz de insinuações e perguntas lançadas ao ar uma prática. Mais do que as respostas, interessa semear a dúvida, fazendo da repetição uma rotina. Estratégia em sintonia com a utilizada pelo presidente Jair Bolsonaro, estabelecendo uma espécie de complementaridade no discurso. Na entrevista ao vivo por telefone concedida pelo presidente, em março de 2020, Sikêra questionava:

As pessoas que se aproximam de mim sempre perguntam: será que o presidente Messias Jair Bolsonaro não tem uma informação privilegiada e por isso tem essa segurança em falar que não é tão perigoso quanto se desenha na imprensa? (...) Ele por ser um militar do Exército Brasileiro, ele que tem conhecimento militar..<sup>15</sup>

---

15 Exclusivo: Sikêra Jr. Entrevista Presidente Jair Bolsonaro. 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bEvwK9PskSc> Acesso em 15 jul. 2021.

Sem responder diretamente à pergunta, o presidente reforça a ideia de que o alarde era injustificado: “O H1N1 há 10 anos atrás, que foi muito mais terrível, não trouxe esse pânico pra nós”. E prosseguiu: “Alguns morrerão? Sim, alguns morrerão. Lamentamos? Lamentamos. Mas muitos outros morrerão de outras doenças também, mas não podemos viver nessa histeria, nesse clima de terror”<sup>16</sup>**Erro! Indicador não definido.**

Um ano depois, em 23 de abril de 2021, dia em que o país registrou 2.914 óbitos por Covid-19, somando mais de 386 mil vidas perdidas, Bolsonaro voltava a ser entrevistado no Alerta Nacional, desta vez, presencialmente. E insistia na tese de que o pavor era injustificado e, inclusive, causador das mortes:

Você pode ver, o pavor mina a sua resistência. Eu até perguntei pro médico outro dia. Gêmeos, quanto ao vírus hoje. Uma pessoa que tá tranquila, outra pessoa que tá apavorada com o vírus. Qual a chance de um deles sobreviver? É o que está tranquilo”<sup>16</sup>.

Além de minimizar os efeitos da pandemia, o discurso é de deslegitimação das estatísticas. Sikêra Júnior alimenta a desconfiança ao relatar, durante o programa, casos não comprovados, até mesmo sem identificação, de registros falsos da doença.

Já começa a aparecer algumas mortes por outras causas mortis e estão colocando na conta do coronavírus. Vou dar um exemplo que aconteceu no final de semana em Pernambuco. Vamos conferir se procede. Um borracheiro consertando, trocando pneu... estourou no rosto dele a calota do pneu e no atestado de óbito dele colocaram com coronavírus.**Erro! Indicador não definido.**

Em outros momentos, questiona o destaque dado às vidas perdidas durante a pandemia por veículos de imprensa que ele define como “imprensa fumadora de maconha, cheiradora de pó”. Foi o caso do programa veiculado no dia 26 de março de 2021. O país batia recorde de mortes em 24 horas, mas Sikêra Júnior, entusiasmado ao som de palmas e gritos da equipe, afirmava: “É pra comemorar. Já são 10 milhões 772 mil 549 recuperados da doença. 10 milhões 772 mil 549 de vidas salvas, recuperadas, que

---

<sup>16</sup>Alerta Especial – Entrevista exclusiva com o presidente Bolsonaro. 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAE1dVrVYC4> Acesso em 14 jul. 2021.

já estão em casa, com as suas famílias. Eu vou repetir o número. Atenção Brasil!”<sup>17</sup>. A crítica do apresentador à divulgação do número de vítimas é recorrente: “Não tem um canal hoje que você não ligue a televisão que não seja a atualização de mortos. Mortos, mortos, mortos. Onde é que vocês querem chegar? O que vocês querem, pelo amor de Deus? Que prazer é esse?”<sup>18</sup>.

Nas edições do Alerta Nacional analisadas, entre os fios que formam a teia do conspiracionismo, a desconfiança sobre a China ganhou destaque: “Eu nunca vi um negócio da China durar tanto. Rapaz, não é? É bom que nossa Senhora. Tudo o que eu comprei lá quebrou, não é?”<sup>17</sup>. Da mesma forma, o ataque à vacina produzida no país asiático: “Eu não quero tomar essa vacina. Sabe, eu não sei de onde vem. Quem fez? Aliás, a gente sabe de onde vem. Vem da China. Todo mundo sabe disso. Quem quiser tomar, pode tomar na jaca porque eu não vou tomar não”.<sup>19</sup>

Além de atacar o imunizante, o apresentador fez coro com o presidente na defesa de medicamentos que não têm eficiência comprovada contra o novo coronavírus: “A cloroquina, finalmente liberaram. Finalmente, porra. Isso já era para estar na mão do povo”<sup>20</sup>. Ele foi ainda um dos principais opositores ao isolamento social como forma de prevenção: “Nós vamos quebrar, vamos matar o povo antes do tempo. Antes do vírus matar a gente mata. Vocês estão testando a paciência do brasileiro, brincando mesmo”<sup>18</sup>.

Como é característico das teorias conspiratórias, Sikêra apresenta a justificativa para a situação em tom de revelação. “Se a gente não for inteligente, nós vamos estar igual à Venezuela, comendo cachorro, comendo gato. Acorda, Brasil, pelo amor de Deus! É covardia o que vocês estão fazendo com o povo brasileiro! Estão matando e dominando o povo aos poucos”<sup>18</sup>. A culpa pela pandemia, na ótica do comunicador, é da esquerda, alvo constante de ataques, sempre marcados pelo discurso de ódio: “Esse povo safado da esquerda quer liberar sabe o quê? Maconha, cocaína, LSD, aborto, menor solto matando

---

17 Sikêra comenta: "10 milhões de recuperados e ninguém tá falando" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbY2OiqTcmI> Acesso em 10 jul. 2021.

18 Carta Capital: Sem constrangimento, Sikêra Jr. dispara contra isolamento social. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/sem-constrangimento-Sikêra-jr-dispara-contra-isolamento-social/> Acesso em 10 jul. 2021

19 Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=775058133438339> Acesso em 02 jul.2021.

20 Disponível em: [https://twitter.com/a\\_araujonasc/status/1262848128442667008](https://twitter.com/a_araujonasc/status/1262848128442667008) Acesso em 18 jul. 2021.

um monte de gente. Eles querem liberar tudo o que não presta. Remédio não. Se arrumar cura, a esquerda fica contra”<sup>20</sup>.

Desde o início da pandemia, o tema tem sido presente nas performances de Sikêra Júnior, mas também na sua vida privada. O apresentador foi diagnosticado com Covid-19 ainda no início da pandemia, em abril de 2020. E, ao contrário do que havia declarado, não rejeitou a vacina: foi imunizado em abril de 2021 com a CoronaVac, que havia sido alvo de suas críticas.

Depois de adoecer, Sikêra chegou a admitir que havia minimizado a gravidade da Covid-19: “A gente acha que só pega fogo na casa do vizinho e a vida me dá essa lição”<sup>21</sup>. Ainda assim, não deixou de defender a cloroquina. Em entrevista à Rádio Jovem Pan declarou: “Aconselho cloroquina porque resolveu. Se eu tivesse tomado no início do tratamento eu não teria sofrido tanto”<sup>22</sup>.

O retorno ao programa, depois de recuperado, foi marcado por discurso emocionado e religioso. Com voz embargada, o apresentador se ajoelhou para agradecer a cura.

Jesus, comigo, ele é muito meu amigo. É muito forte. E pra falar com ele não precisa de operadora não, basta ajoelhar. E é isso que vou fazer isso agora. E eu digo pra você de casa uma coisa. (...) Você quer esmagar seu inimigo agora, no bom sentido? Você quer calar o seu inimigo agora, quer? Basta isso aqui, obrigado meu senhor Jesus Cristo. Muito obrigado por deixar eu voltar a trabalhar.<sup>23</sup>

O tom de pregação é identificado em outras edições do Alerta Nacional, alternando com as falas marcadas pelo ódio. A entrevista exclusiva do presidente, realizada por telefone, em março de 2020, foi encerrada com uma bênção ao vivo. “Que o senhor Jesus Cristo esteja com o senhor lhe dando proteção que proteja o nosso Brasil. (...) Que Deus esteja com o senhor e salve o Brasil”<sup>15</sup>. A resposta de Bolsonaro confirma

---

21 Disponível em [https://twitter.com/a\\_araujonasc/status/1262848128442667008](https://twitter.com/a_araujonasc/status/1262848128442667008) Acesso em 15 jul.2021.

22 Entrevista à Rádio Jovem Pan em 8 jul. 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/jovem-pan-morning-show/Sikêra-junior-morning-show-ao-vivo-08-07-20.html> Acesso em 2 de jul. 2021.

23 Alerta Nacional: O Retorno de Sikêra Júnior em 26 mai. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_oT4J8a4pGo](https://www.youtube.com/watch?v=_oT4J8a4pGo) Acesso em 03 jun. 2021.

a sintonia entre os discursos: “Como eu tenho dito sempre, nosso Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. Tenham fé e tenho certeza que ele não nos faltará”.

### Considerações finais

A UNESCO tem utilizado o termo *desinfodemia* para designar uma verdadeira pandemia paralela de desinformação relacionada à Covid-19 já desde os primeiros casos confirmados da doença. Sendo essa uma realidade mundial, o caso brasileiro é singular por ter na figura do Presidente da República um dos principais vetores de desinformação sobre prevenção, tratamento e vacina do novo coronavírus<sup>24</sup>, além de sua permanente negação à gravidade da doença, desencorajamento à vacinação por motivos conspiratórios e recusa a apoiar medidas de contenção ao vírus, como o uso de máscaras, o isolamento social e a adoção do *lockdown*, o que tem sido realizado não apenas em discursos, mas ao promover aglomerações e contatos físicos. Levando em conta a atual polarização política e a influência do seu cargo, tal disseminação gera um efeito em cascata, abarcando não somente as políticas públicas de âmbito federal, mas também influenciando governos estaduais e municipais a adotarem medidas comprovadamente não eficazes na prevenção ou tratamento da Covid-19, colocando suas populações em risco. Para além da esfera pública e da visibilidade do seu cargo, o protagonismo conspiracionista e negacionista do Presidente tem impulsionado o comportamento de risco não somente através de seus seguidores e suas redes sociais, mas por meio de influenciadores na internet e na radiodifusão.

A convivência e colaboração de emissoras de televisão com tais estratégias desinformadoras acontecem no marco de concessões públicas e do protagonismo que a TV aberta ainda preserva no país, retroalimentada pelo crescimento das redes sociais. Em 2019, nas residências brasileiras, 96,3% contavam com aparelho de televisão, em 82,7% havia internet<sup>25</sup>. Com a pandemia, registrou-se aumento na audiência das TVs. Segundo

---

24 Uma listagens dessas desinformações pode ser encontrada em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/12/30/informacoes-falsas-bolsonaro-covid-19/>. Acesso em 19 jul. 2021.

25 Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Acesso em 02 jul. 202.

a pesquisa Kantar Ibope Media<sup>26</sup>, em 2020, cada brasileiro passou mais 37 minutos com sua TV ligada do que em 2019. O estudo revela ainda que a TV aberta foi responsável por 90% dos mais de 363 milhões de *tweets* gerados a partir de conteúdos em vídeo em 2020.

Os resultados do presente estudo apontam para uma ação calculada e coordenada entre comunicadores e governantes acerca de uma mesma narrativa conspiratória e negacionista sobre a pandemia de Covid-19, com indícios de relações político-midiáticas que preservam as raízes clientelistas do sistema de comunicação brasileiro, historicamente marcado por troca de favores; ataque a inimigos e elogios a aliados políticos, e; favoritismo na distribuição de verbas governamentais. A novidade é uma estratégia comunicativa que agora integra mídia hegemônica e redes sociais para a replicação, retroalimentação e complementação tática dos discursos.

Mantêm-se e potencializam-se as práticas, renovam-se os atores e ajustam-se os temas.

A análise dos vídeos do apresentador Sikera Júnior relacionados à pandemia no Brasil demonstra a mesma utilização que o presidente faz de métodos típicos do neoconspiracionismo e do negacionismo, como o uso e a repetição exaustiva de ideias simples (e simplistas); as insinuações sem provas; o descrédito às instituições, seus procedimentos e resultados; o convite para que pessoas comuns desvelem uma trama nunca por fim revelada. Tanto as performances quanto seu discurso seguem a cartilha populista de *parecer ser* figura forte, carismática e de forte apelo popular. Suas falas apaixonadas se propõem a revelar bons e maus, distinguir os que estão ao lado do povo daqueles que merecem seu discurso de ódio em sua Cruzada pela família tradicional e pelos valores cristãos. Não são coincidências as simetrias de método e conteúdo entre Sikêra Júnior e o discurso conspiratório, negacionista e populista de Bolsonaro.

A comunicação não é coadjuvante na estratégia que tem se traduzido como o modo de governar da extrema direita no Brasil. Na crise da covid-19 e além dela, a complementaridade entre redes sociais e a parcela da mídia hegemônica aliada ao presidente leva à reverberação de discursos com potencial para atender os interesses de

---

26 Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/inside-video-download/> Acesso em 10 jul. 2021.

disputas políticas do governante em detrimento do interesse público. Assim, torna-se necessário seguir pesquisando e refletindo sobre a complementaridade entre redes sociais e TV aberta, que tem se revelado como estruturante desta forma de fazer política e sido responsável, em alguma medida, pela deslegitimação das instituições e abalo à democracia em nosso país.

## Referências

AIRES, J.; SANTOS, S. **Sempre foi pela família: mídias e políticas no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Mauad, 2017.

\_\_\_\_ et al. Quando religião, política e mídia se confundem: as estratégias políticas e midiáticas do PRB, da Record e da Igreja Universal do Reino de Deus. In **Revista Eptic**. Vol. 19, nº 2, mai-ago 2017.

\_\_\_\_. **A Radiodifusão na Ascensão da Extrema Direita no Brasil**. 2020. Slides. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GYG1vyXL9RA> Acesso em 12 out. 2020.

Artigo I. ALMEIDA, R., **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira**. Revista Novos estudos CEBRAP 38 (1) • Jan-Apr 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/?lang=pt> Acesso em 10 jul. 2021.

Artigo II. CAETANO, F. R. **Espetacularização do processo penal e as consequências do populismo penal midiático**. Faculdade de Direito, PUC-RS. Porto Alegre, 2016.

CESARNO, L.. **Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil**. Revista InternetLab <https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>

FERNANDES, M.. **O maior ataque da história contra Rodrigo Maia**. Disponível em: <https://www.revistavoto.com.br/o-maior-ataque-da-historia-contra-rodriigo-maia/> Acesso em 02 out. 2020.

GOMES, L. F.; ALMEIDA, D. S. **Populismo Penal Midiático: caso mensalão, mídia disruptiva e direito penal crítico**. São Paulo: Saraiva, 2013

GUTERRES, A. **As chamadas do discurso de ódio**. Folha de S. Paulo, 30/06/2019.

LOBO, E.; MORAIS, J. L. B., NEMER, D.. Democracia Algorítmica: O futuro da democracia e o combate às milícias digitais no Brasil. In: **Culturas jurídicas** v. 7 n. 17 (2020): Democracia nas culturas jurídicas: entre novos e velhos desafios (maio-ago 2020).

MELLO, P. C. **A máquina do ódio**. São Paulo. Companhia das Letras. 2020.

MIGUEL, L. F. et al. Organização Esther Solano Gallego. **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo. Boitempo, 2018.

MORAES, L. E. S.. **O Negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o Passado**. Anais da ANPUH, SP, 2008. Disponível em:  
[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501\\_ARQUIVO\\_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis\\_Edmundo-Moraes.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf) Acesso em 02 jul. 2021.

Artigo III. MOREL, A. P. M.. **Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica**. Trab. educ. saúde 19 • 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6NSc4X65f/?lang=pt> Acesso em 02 jun. 2021.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. **POPULISM. A Very Short Introduction**. Oxford University Press. 2012.

MUIRHEAD R; ROSENBLUM N.L. **A Lot of People Are Saying: The New Conspiracism and the Assault on Democracy**. Princeton UP. 2019.

NUSSBAUM, M. **Hiding from humanity. Disgust, shame and the law**. Princeton New Jersey. Princeton University Press. 2004.

ROSENFELD, S.. **Democracy and Truth A Short History**. University of Pennsylvania Press. 2012.

SANTOS, S.. **E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras**. in Revista da Compós; dezembro/2006; pp. 2-27.